

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Lithografia

ANNU. 24 francos
SEMESTR. 12 "
AVULSO. 1 "
Se não for logo, o preço sobe para 25 francos

1.^o Anno. — Volume 1. — Numero 10.

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1884

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 75, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO (CÓPIA)	12,000
SEMESTR.	6,000
ANNO (PROVINCIA)	14,000
AVULSO	500



CELEBRIDADES PARISIENSES : Anna Judic

SUMMARIO

TEXTO: Aviso importante. — Chronica, por Mariano Pina. — Na praia (poesia) Guerra Junqueiro. — A caçada do malhadeiro da Crepa (conto) pelo Conde de Ficilia. — Estalua (poesia) por Luiz Guimarães. — O gofio das parisienses, por Theodora do Banville. — As nossas graxuras: Judic, a China contemporânea; o couraçado Riachuelo; Quasi même; o almirante Courbet; Na ausência do mestre! — Bibliographia, por Fígaro. — Theatro, por J. Miranda. — Passatempo. — A nossa agencia.

GRÁVURAS: Celebridades parisienses: Anna Judic. — A China contemporânea: Uma rua do Pekim; Paulus Jeanlis dizendo a missa em Shangai; juncos de guerra; um exame de soldados; o tumulo d'um general; um general chinês e o seu exato maior. — O couraçado brasileiro Riachuelo. — Quasi même! grupo allegorico de Mercis. — O almirante Courbet. — Na ausencia do mestre!



CHRONICA

AVISO IMPORTANTE

Em consequencia das rigorosas medidas de quarentena tomadas pelo governo portuguez para com todas as proveniencias de França — o vapor Orenoque que sahio de Bordéas no dia 5 de setembro, recitou a ultima hora toda a carga que devia levar para Lisboa, não recebendo mesmo um só passageiro.

Entre as mercadorias abandonadas no caes em Bordéas e cuja demora tanto affecta o commercio lisbonense, achavam-se as caixas para o nosso agente sr. David Gorazzi, contendo a edição para Portugal do n.º 9 da Illustração.

A hora a que escrevemos, a administração d'este jornal trata de fazer seguir por um outro navio a sua mercadoria.

Em todo o caso ha de haver necessariamente demora d'alguns dias — demora que os nossos assignantes de Portugal nos hão de desculpar, attendendo a que não somos nós os culpados de semelhante falta.

Ainda nenhum numero da Illustração deixou de apparecer regularmente em Paris no dia 5 e ao de cada mez.

Se ultimamente em Portugal se têm dado certas irregularidades com a distribuição do nosso jornal — só temos que nos queixar do cholera, que alterou completamente todo o movimento de passageiros e mercadorias, por terra e por mar, em toda a Europa.

Não somos só nós que soffremos com semelhantes irregularidades e longas quarentenas — é todo o commercio europeu.

A ADMINISTRAÇÃO.

Lisboa d'aqui a poucos dias, n'um arranco d'entusiasmo, ha-de estourar o seu par de luvas diante de Judic — a famosa estrella do vauville parisiense.

É uma especialidade puramente boulevardiere que a capital portugueza ainda não tinha saboreado. Mas vai d'aqui a pouco tomar-lhe o gosto. Dou-lhe os meus parabéns por que o fructo é deveras saboroso, tocado d'aquelle acce sensual do theatro ligeiro, em que só Paris é insigne. Sensual sem ser immoral — bem encendido. A rua dos Fanqueiros pode ir, sem receio, com as meninas para o camarote!...

Já passou por Lisboa Sarah Bernhardt — a tragedia. Já por ali passou Geline Chaumont — a comedia. Vae agora por ali passar Judic — o vauville. É — coisa curiosa! — não ha um só morador de Lisboa que ame a vida facil, a vida mundana, a boa vida emfim, que se não julgue o mais infeliz, o mais desgraçado dos mortaes!

São difficis de contentar, os srs. lisboetas. Porque eu não vejo sobre a carta da Europa nenhuma terra onde, os que têm uma fortuna média e mesmo uma pequena fortuna, possam levar vida mais regulada e mais em conta — do que a vida que se leva em Lisboa.

Um clima delicioso permitindo a todos os mancebos passar as noites a fallar da rua para os quintos andares sem prejuizo da garganta — coisa que muito surpreendeu Louis Ulbach que n'este momento conta aos leitores da Revue politique et litteraire a sua viagem a Portugal.

Uma vida barata como se não encontra n'outra capital da Europa, onde as casas são fabulosamente caras, onde a casa e a meza absorvem 75 o/o dos rendimentos d'uma pequena fortuna.

Um club razoavel, com vantagens sobre os clubs de Paris — por que n'estes o passatempo consiste apenas nas sensações estupidas do baccarat e da roleta.

Um bello rio que devia já ter provocado o apparecimento do mais bello sport nautico da Europa, podendo ali dar-se regatas eguaes ás que se realisam todos os annos em Inglaterra e em França. Mas os chevaliers du gardania e a jeunesse dorée e o tout le Lisbonne pashut (como tão sabio e tão salutarmente diz a seu D. Guiomar Tor-

rezão n'aquelle seu francez mundano, ligeiro, vaporoso, saltitante, com que ella narra para Madrid o turbilhão, a nevrose do Ghiado) — mas a mocidade, enfim, prefere o hippodromo de Belem para que nós não temos nenhuma tendencia, ao Tejo que é a propria essencia de todas as nossas gloriosas tradições de touradas. Mas a sr. D. Guiomar, o guia da corrente mundana em Lisboa, em vez de gritar ao seu Lisbonne pashut:

— Rapazes! Viva o leme! Viva o rémo!...

duas coisas essencialmente portuguezas — bate com ambas as mãos diante do primeiro cavallo que chega á pista, e como é s. ex.ª quem hoje dirige a corrente... para quando, os grandes concursos de regata que hão-de um dia trazer a Lisboa toda a multidão rica e apaixonada dos certamens de Cambridge e Oxford e do Havre? Para quando?

Um bello theatro de declamação (D. Maria) e um bello theatro d'opere (Trinidade) onde se adquire uma cadeira por um preço mais baixo ainda que os preços dos pobres theatros dos boulevards exteriores de Paris.

Um theatro d'Opera onde por 1.500 reis se obtém uma cadeira para se ouvir cantar como rarissimas vezes se canta em Bruxellas, no theatro da Moeda, onde uma noute me pediram o dobro pelo preço d'um fautenil. Para se ouvir cantar (sempre por 1.500 reis!) como só se ouve cantar actualmente nos Italianos de Paris, mas pagando-se 4.500 reis por cada cadeira!

E por cima de tudo isto têm agora a Judic — sem fallarmos n'aquelle boa Liberdade que permite dizer em publico, pelas columnas dos jornaes, cousas que os proprios auctores não teriam a coragem de ler a um troço de granadeiros com medo de lhes melindrar o pudor! Caput...!

O templo consagrado em Paris a Judic é o theatro das Varietés, boulevard Montmartre, junto a passagem dos Panoramass.

E ali que todos os estrangeiros, armados de poderosas machinas de guerra a que alguns chamam binoculos, vão em romaria para admirar a diva. Ella já deixou mesmo de ser a chanteuse Judic — para ser simplesmente um monumento consagrado, que os Guias recommendam á attenção dos viajantes: as torres de Notre-Dame, a escada da grande Opera, a Judic e o Louvre!

E no dia em que a estrella — obdecendo a lei fatal que leva todos á decomposição — desaparecer deste mundo, não por isso ha-de deixar de haver todos os annos romaria de viajantes as Varietés, por que foi ali... ali mesmo... n'aquelle palco que os senhores estão ali vendo... (hão-de dizer os guias) que ella cantou durante tantos annos. Isto, ao que parece, ha-de consolar muita gente. — Por que também ha muitos viajantes que só saem do Escorial satisfeitos e contentes — quando o guarda os deixou sentar dois segundos na mesma cadeira em que gemia o seu rheumatismo esse maldito do rei Philippe...

A famosa Judic da Nautre e da Liti.

esta apregoada individualidade do theatro parisiense que tantos milhões tem feito rolar pelas gavetas dos camaroteiros europeus, esta actriz por quem Londres e São Petersburgo suspiram todos os annos, que tem visto príncipes respeitadamente inclinados diante d'ella, proferindo todas as banalidades da admiração e da galanteria — começou a sua carreira sendo, como milhares d'outras que todas as noites cruzam os boulevards, uma simples actrizita de café concert.

Conhecem o genero?...

Louritas e franzinhas. Grandes olhos inteligentes, atrevidos e febris. Beiços cor de sangue recortados a vermelho de camarim, para fazerem sobresahir — quando se entreabrem — duas filas de dentinhos cerrados, miudos, brancos, um quasi nada famintos de ceias em gabinete particular. Um seio tratado a capricho. Um decote preparado para provocar binoculos. Uma saia de setim, zangada por ter descido um centimetro abaixo do joelho. Pernas finas. Meias de côres vivas; primeiro d'algodão, depois de fio d'Escossia, depois de seda — conforme o numero d'apaixonados! Uma voz educada, preparada, forçada a dar todas as notas do grotesco, do equivoco e do petulante. Vinte carêtas diferentes por minuto. Gestos desmanchados de *fantoche*... E trez francos por noite para viver!

— A isto só resistem as que têm verdadeiramente talento — as que deixam escapar por entre aquelle inferno de disparates uma nota de cantora e um gesto d'actriz. E muito poucas tem sido as que se tem revelado verdadeiramente cantoras e verdadeiramente actrizes, como aquella de quem a *Illustração* dá hoje o retrato.

— Na interpretação do *vaudeville* é ainda Judic quem possui todo o segredo — o segredo de bem representar estas peças que o sr. Epiphany (um grammatico austero) vae agora classificar de peças *epicenas*, attendendo a que tanto pertencem ao genero opereta como ao genero comedia...

E no *vaudeville* Judic é verdadeiramente eminente. Cantora — sabe dizer como nenhuma outra de Paris os seus *couplets*. Actriz — sabe cantar o seu dialogo, coloril-o, aquecel-o, dar-lhe relevo e dar-lhe vida, como qualquer actriz de comedia da *Comédie-Française*.

Não se conhece n'este mundo parisiense — não fallando da grande Theresa que hoje declina, mas que ainda sabe fazer chorar e fazer rir o seu publico — voz mais maleavel, garganta mais educada para poder interpretar esta cousa tão simples e tão difficil — a *cançoneta*.

Judic chegou mesmo a criar o seu genero, a fazer surgir um bando d'imitadoras da sua *maneira*. Mas nenhuma subiu ainda — nem mesmo a Duparc — a esta delicadeza artistica que tanto caracteriza o seu canto, feito de meias tintas suavissimas que, se fosse possível reproduzir sobre uma folha de papel de China, havia de ter em equivalencias de tons a doçura das aguas-fortes e das miniaturas do seculo xviii.

— Na fama d'uma actriz a formosura e o talento entram sempre em partes eguaes.

Chega-se mesmo a hesitar entre a primeira condição para se ser actriz — se talento, se belleza. As opiniões dividem-se em dois campos terríveis. Os criticos pedem talento. Mas os directores de theatros pedem bonitos olhos, e as *concierges* de Paris só mandam as filhas para o Conservatorio — quando vêem que effectivamente todos os locatarios da casa lhes fazem a corte!...

Quando a mulher é feia precisa pelo espirito e pelo estudo valer duas vezes mais que outra actriz do seu genero. Não se perdoaria a Celine Chaumont que fizesse mal uma scena do *Divorçons*. Mas se a Magnier representasse mal uma peça em cinco actos, a plateia havia de lhe perdoar — por que teria passado a noite a namorar-lhe os olhos e o colo!

— Na reputação da Judic a formosura entrou com 50 o/o — como na reputação da Théo ha 75 o/o de belleza a descontar.

Já vae um pouco longe a sua primavera — mas um quasi nada de esforço no espartilho e um quasi nada de pintura de camarim transformam a actriz n'uma mocidade tão fresca e tão apetecivel, que chega a causar ciúmes a muitos vinte annos femininos que a olham dos camarotes.

E mesmo que não fosse o que ainda é — a Judic tinha como recurso infallivel os seus bellos olhos de parisiense, que prendem toda a attenção dos espectadores... como estes bordados diabolicos, feitos a escarlata e a ouro, sobre o velludo preto, o velludo fatal, das mezas dos prestimanos.

— Os olhos de que a Europa ainda mais se orgulha de possuir — são os olhos das andaluzas e os olhos das parisienses.

A fama dos olhos das andaluzas é devida em grande parte aos poetas romanticos que os iam cantando e suspirando, muitas vezes sem nunca terem visto andaluzas — nem mesmo das de exportação! Mas que de poemas que se não escreveram para cantar os olhos de Concha, de Lola e de Consuelo!

A furia passou, no dia em que a humanidade se aborreceu de tanta *mirada* fatal, assassina, vibrada por detraz d'um leque ou d'uma mantilha. Os poetas tanto insistiram sobre os olhares que atravessavam corações com a facilidade d'um florête, e dos milhões de mancebos que calam fulminados pelo golpe terrivel — que Sevilha cáda também pela sua vez... mas no descredito da Europa!

Hoje só gosam d'uma justa reputação os olhos das parisienses. E a razão é simples. Uma andaluza bonita com olhos bonitos — pode ser uma divindade. Uma andaluza feia com olhos bonitos — é sempre uma mulher feia. Enquanto que a parisiense, ou seja feia, ou seja bonita — é sempre admirada e apetecida.

Ha no seu olhar alguma cousa de mysterioso, de superior, de sympathico que atrah e prende. Uma vida onde falla mais alto o espirito que o corpo. Um reflexo d'esta sublime claridade com que Paris illumina todo o mundo. Um não sei quê, que trasborda amor ou odio. Um azul tão

puro, tão claro, que a primeira vista define todos os caprichos da mulher — que é capaz de perder como também é capaz de salvar!...

MARIANO PINA.

P. S. — Acabo de ser informado de que o artigo do *Diário da Manhã* que deu ocasião a minha chronica do nº 9 da *Illustração*, tinha um sentido diverso d'aquelle que se lhe podia facilmente attribuir — e que eu lhe attribui. Efecto d'um estylo profundamente metaphorico, de que o mesmo *Diário* hoje abusa, e que não estava nas tradições do jornal.

Antecipando portanto a toda e qualquer rectificação que a nova redacção do *Diário da Manhã* me possa pedir, dando por não cabidas as phrases que a possam molestar, não entendo-se apenas com as phrases que me suscitou o artigo mal interpretado. Quanto ao mais, no assumpto principal da chronica, a historia e a critica donde não ha a retirar uma unica palavra.

M. P.

A *ILLUSTRAÇÃO* publicará no proximo numero um artigo do seu brillante collaborador Jayme de Segurier.

Título: UM BANDO NO BARRAM.

NA PRAIA

O rude coração do amargo oceano
Tem virtudes inertes, austeras:
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,
Um sadio florir de primaveras.
Essas almas dolentes, requebradas,
Tristes como o cantar de um rouxinol,
Fal-as fortes, viris, illuminadas:
Brilhantes como o sol,
E rijas como espadas.
Um corpo frouxo e morbido e franziño,
Cheio de pallidez etherea e doce,
Forma-o como se fôsse
De bronze crystallino.
Depois o aroma acre dos pinheiros,
A borrascosa voz dos marinheiros,
E a vastidão da esplendida paisagem,
Tudo faz rebentar em nossos peitos
O bronze inabalavel da coragem.

Deixae os plumeos leitos
Onde o espirito languido desmaia!
Vinde viver na praia
Entre as coisas sadias, triumphantes
Do bello mundo antigo!
E despi esses vicios irritantes
Como quem despe uns trapos de mendigo!

Viper n'uma casita á beira mar
Feita no gosto inglez,
Casa de um só andar
E sem balcão chinês;
Ler paginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sãs e duradouras;
Beijar crianças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loiras;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saude e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pittoresca
Que existe d'hoje em dia...
A vida assim é uma roseira fresca
Inundada de orelhos de alegria!

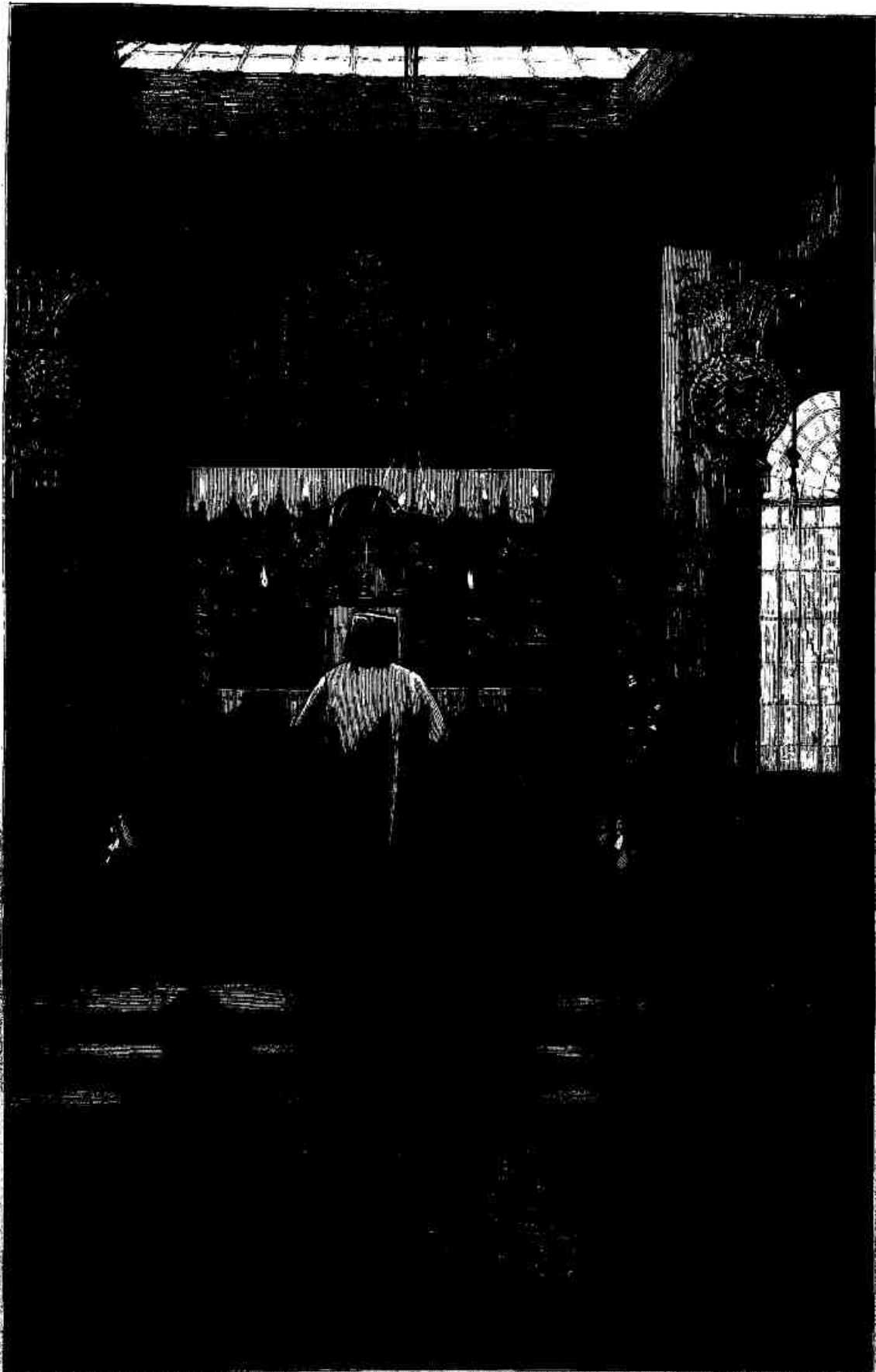
GUERRA JUNQUEIRO.

A *ILLUSTRAÇÃO* publica no seu proximo numero um magnifico desenho de F. Villaça representando uma praia do Amazonas, a que o sympathico artista fez expressamente para o nosso jornal.

A *ILLUSTRAÇÃO* nos numeros a seguir continuará publicar curiosos esboços sobre a China contemporanea.

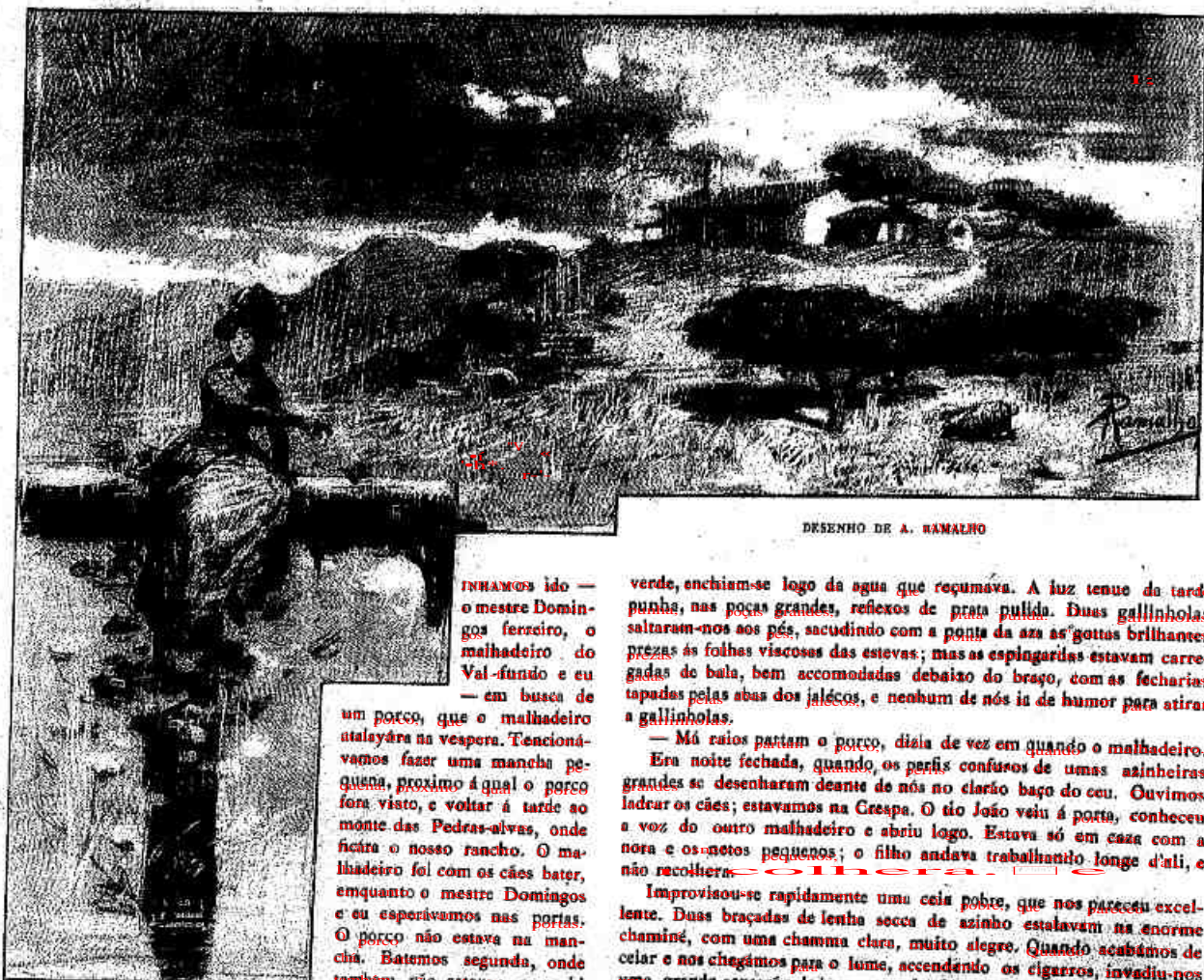


A CHINA CONTEMPORANEA : Numa rua de Pekim.



A CHINA CONTEMPORÂNEA : Padres jesuitas dizendo a missa em Shanghai.

A CAÇADA DO MALHADEIRO DA CRESPA



DESENHO DE A. RAMALHO

INHAMOS ido — o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Val-fundo e eu — em busca de

um porco, que o malhadeiro atalxara na vespere. Tencionávamos fazer uma mancha pequena, próximo à qual o porco fora visto, e voltar à tarde ao monte das Pedras-aiwas, onde ficara o nosso rancho. O malhadeiro foi com os cães bater, enquanto o mestre Domingos e eu esperávamos nas portas. O porco não estava na mancha. Batemos segunda, onde também não estava; mas ali os cães pegaram com força no

rasto, e em baixo no valle achamos-lhe as saídas frescas; batemos terceira e quarta mancha, e fomos de cerco em cerco, e de valle em valle, até que, quando nos decidimos a voltar — sem ter visto um pallo do porco — estávamos a duas legoas, e legoas de serra aspera das Pedras-aiwas. Em fim de Dezembro, ao cair da tarde. Começava a chover, e as nuvens grossas, sacoradas com força do sul, annunciavam uma noite de agona.

— Nós com este tempo não deixamos as Pedras-aiwas senão alta noite, disse o mestre Domingos.

— Não deixamos é certo! respondeu o malhadeiro. Má raios pantam o porco, acrecentou, para se consolar.

— Mas que ha a fazer?

— Podíamos ir à Crespa, que é d'aqui meia legoa. O tio João sempre ha de ter alguma coiza que se coma, e um lume pra gente se aquecer.

— Pois vamos lá.

As nuvens negras tinham-se fundido n'um tom cinzento. A chuva engrossava. Batida com força pelo vento, passava em linhas claras, apertadas, muito obliquas, sobre o verde negro dos cerros. O malhadeiro abria caminho a corta mato, e o mestre Domingos e eu seguíamos, abaixando a cabeça, fugindo as rajadas de chuva que nos açoitavam a cara. Em fila e traz dos nossos calcanhares vinham os cães, tristes, de orelha caída. O mato escorria. Nos valles cheios de herba densa, atorra, ensopada, cediu fóia debaixo dos pés; e as pedras, marcadas no musgo

verde, enchiam-se logo da agua que recolhavam. A luz tenue da tarde punha, nas pocas grandes, reflexos de prata pulida. Duas gallinholas saltaram-nos aos pés, sacudindo com a ponta da asa as gotas brilhantes prezas ás folhas viscosas das estevas; mas as espiçardas estavam carregadas de bala, bem accomodadas debaixo do braço, com as fecharias tapadas pelas abas dos jalcões, e nenhum de nós ia de humor para atirar a gallinholas.

— Má raios pantam o porco, dizia de vez em quando o malhadeiro.

Era noite fechada, quando os perfis confusos de umas azinheiras grandes se desenharam diante de nós no clarão baço do céu. Ouvimos ladrar os cães; estávamos na Crespa. O tio João veio á porta, conheceu a voz do outro malhadeiro e abriu logo. Estava só em casa com a nora e os netos pequenos; o filho andava trabalhando longe d'ali, e não recolhera.

Improvisou-se rapidamente uma ceia pobre, que nos pareceu excelente. Duas braçadas de lenha secca de azinho estalavam na enorme chaminé, com uma chamma clara, muito alegre. Quando acabámos de ceiar e nos chegámos para o lume, acendendo os cigarros, invadiu-nos uma grande sensação de bem estar. Lá fora ouvia-se o cair monótono da chuva, e as lufadas do sul, assoviando na telha vã da malhada.

Naturalmente fallou-se de caça; o ferreiro e os dois malhadeiros eram os tres primeiros caçadores da serra. O malhadeiro

— Oh! tio João, você é que fez uma caçaria melhor que todas essas, disse o ferreiro depois de se contarem muitos casos de mortes de porcos e de veados.

— Fiz, fiz, disse o velho como quem meditava.

— Você devia-nos contar esse caso esta noite.

— O mestre Domingos, eu não gosto de fallar n'isso.

— Ora, uma vez não são vezes; eu sei do caso, mas nunca lh'o ouvi contar bem a preceito como elle foi, e os mais que aqui estão não o sabem.

— Pois conto, respondeu o malhadeiro, abaixando-se para accender o cigarro.

Estava sentado defronte de mim, dentro da chaminé, ao lado da nora. A luz crua da lavareda illuminava-lhe brutalmente a cara; enrugada, sulcada de rugas fundas, muito queimada. Entre os olhos tinha o neto, uma creança de sete ou oito annos, com uma cabeçita redonda, bem encabellada, e uns olhinhos pretos, vivos, em que a chamma pedia pontos brilhantes. De vez em quando a mão negra, muito dura do velho, passava sobre a cabeça do pequeno, com um toque suave, de uma docura infinita. Diante do lume, o ferreiro e o Joaquim do Val-fundo estendiam para o brazão os sapatos grossos e as botinas, que ainda fumavam. A chamma, levantando e abaixando, projectava hás as sombras, desmesuradamente grandes, na parede enxada do fundo, fazendo-as dançar de um modo phantástico.

— Isto por aqui no tempo dos francezes esteve mão.... muito mão, começou o malhadeiro. Passáram ali duas vezes. Quando passaram juntos, em tropa, bem foi; mas depois quando iam na retirada, sem respeito lá aos seus commandantes, nem a ninguém, queimavam e roubavam tudo. Os montes, nos barros, estavam todos desertos; e mesmo cá na serra, nas malhadas mais perto das estradas, não ficou viva alma. Todos fugiam, levando alguma coisa melhorista que tinham. Meu pae quiz aqui ficar — Pra onde ha de a gente ir, dizia elle. E depois isto é cá desviado, não vem cá.

Eu, ó tempo, era rapazote, lá nos meus desasete. Estava aqui com meu pae e as minhas duas irmãs; a Ignez, a mais nova, que ainda vive, era mais velha do que eu um anno; e a Marianna, Deus lhe perdoe, teria então os seus vinte ou vintum.

Passou tempo, sem os francezes apparecerem. A gente sabia que passavam tropas, ali pelas estradas, direitas a Hespanha; mas cá na serra já estava descuidada. Quando uma manhã, que eu andava lavrando com a parrelha ali no farejal, e meu pae estava fulqueando umas alveas aqui na empena, a Ignez que tinha ido á fonte.... á fonte lá abaixo na umbría (disse elle para o Joaquim, que fez signal de conhecer bem o lugar).... a Ignez veio fugindo ladeira acima, e chegou ali esbaldada, dizendo: Ah! vem..... ah! vem!

E vinham. Aquillo sorte é que se tinham desviado da estrada, perderam-se e vieram a corta moto, direitos á caça, que viam aqui na altura. Eram oito. Vinham muito rastos, com os sapatos em frangalhos, atados com trapos. Um — estou-o vendo — um alto, magro, com o nariz grande e o bigode caído aos cantos da bocca, trazia um lenço branco, sujo, com grandes manchas de sangue, atado á roda da cabeça.

Meu pae bradou-me, e quando eu vim correndo, disse-me baixo:

— Esconde as espingardas.

Fui áquelle canto onde ellas sempre teem estado, peguei-lhes, passei á porta de traz, e fui mettel-as na palha da arramada. Quando voltei já os francezes estavam dentro de caça. Não se percebia nada do que diziam, senão — vino.... vino.... — e faziam signal que queriam comer. O pae disse ás moças que lhe dessem o que havia; mas elles não esperavam, abriam as arcas e traziam o que achavam pra cima d'essa mesa. Meu pae tinha-se sentado n'aquelle banco. O velho indicava os lugares com o gesto, que o Joaquim e o mestre Domingos seguiam com os olhos; e assim contada, n'aquelle caça, que não tinha mudado nos ultimos sessenta annos, onde ainda se viam as espingardas encostadas ao mesmo canto, e o banco tosco ao lado da porta, a historia adquiria uma intensidade de vida, uma actualidade singular.

— Os francezes comeram, beberam, estavam já alegres, rindo e gritando. Um d'elles, um loiro que tinha um galão e parecia mandar alguma coisa nos outros, quando a minha Ignez passou ao pé d'elle, deitou-lhe um braço á cintura, sentou-a á força nos joelhos e deu-lhe um beijo.

Eu vi isto, e no mesmo instante vi meu pae de pé, e um machado de cortar azinholo direito á cabeça do francez. O francez era leve, furtou-se; e quatro ou cinco d'elles agarraram-se a meu pae e depois de uma lucta deitaram-o no chão. Eu tinha levado uma coronhada pelos peitos, e estava encostado áquelle arca, seguro por outros dois. O loiro ria-se, com um riso máo, mas dizia — quiz-me a mim parecer — que nos fizessem mal, que nos atassem. Estava ali uma corda grande de encher, com que elles ataram o pae de pés e mãos. A mim ataram-me com um baraço e com a minha cinta.

As moças arrastaram-nas para a caça de dentro, gritando e chorando....

A' meza ficaram dois francezes, bebendo.

Eu ouvia minhas irmãs chorar lá dentro, chamando-nos, que lhes acudissemos; e via o pae deitado no chão, com a camisa rasgada, e as mãos atadas a traz das costas. Na lucta, quando caiu, partiu a cabeça na esquina do banco. Um fio delgado de sangue corria-lhe da testa até ás suíças brancas, e, dos olhos muito fitos vi correrem-lhe as lagrimas, que se misturavam com o sangue. Não posso dizer o tempo que isto durou; mas pareceu-me muito.

Quando os francezes saíram, rindo e mettendo nos bornaes o pão e uns queijinhos que tinham roubado, nem olharam para o pae; a mim pegaram-me, e, assim mesmo atado como estava, levaram-me á porta para lhes ensinar o caminho. Não sei o que me lembrou; mas em lugar de lhes mostrar a trocha que me direita á estrada, mostrei-lhes a que desce para a ribeira. Essa trocha era a mais seguida das duas; elles não desconfiaram, deitaram as espingardas ao hombro, e desceram valle a baixo.

A Ignez não dava acordo de si; mas a Marianna, muito branca, muito enfiada, veio cá fora desatar o pae. Elle não fallava e, quando a Marianna me desatou, disse-me só:

— As espingardas.

Fui á arramada buscá-las, e quando vim já o pae tinha o polvorinho á timoleto; apontou para o outro polvorinho que eu enfiara, e, tirando da arca o sacco das balas, esteve-as dividindo, deu-me um punhado d'ellas e metteu as outras na algibeira. Saímos sem elle dizer uma palavra á Marianna. Fez-lhe signal que chamasse e fechasse os cães. Só deixou ir uma podenga velha vermelha; mas a podenga era — salvo seja — como uma criatura; quando estava n'uma porta nem latia, nem mexia um cabelle. A' ponta dos francezes afastou-se; desafiou a culeira de guizos da cadella e deitou-a fora.

Nós iamos devagar. Entendi eu que meu pae os queria deixar metter bem para os valles mais asperos. Lá abaixo, aos pés do barranco do Lendral é que os apunhamos. Vimos-os de longe n'uma volta da trocha. Meu pae não fallava, fez-me signal que fosse á meia encosta da umbela, que elle ia pela souleira; e quando nos apartamos, n'uma voz ainda tremula, disse-me só estas palavras:

— Não atires, sem eu atirar.

Eu metti á encosta, de gatas, por baixo das estevas. Era uma creança ainda, mas não me lembrou ter medo. Fui... fui, até que cheguei bem a tiro. Já n'esse tempo atirava bem. Desde pequeno que andava com meu pae, e você ainda se lembra como elle atirava, mestre Domingos;

— Era a primeira espingarda da serra, a chumbo e a bala, affirmou o fereiro.

— E era! continuou o velho. Eu não o vi; mas sabia que elle ia na outra encosta. Os francezes iam em baixo no valle, todos n'uma linha porque a trocha era estreita. N'uma volta do valle, ouvi um tiro; e o francez, o loiro, que ia adiante, abriu os braços e caiu para traz. Os outros pararam; eu apontei bem um, dei o dedo, e elle caiu redondo. Ao segundo tiro viraram-se para o meu lado; então o pae — para me livrar — appareceu-lhes no mato. Atiraram-lhe todos, e eu vi as estevas cortadas pelas balas em volta d'elle; mas não lhe deram. Os homens ainda quizeram avançar pela encosta direito a elle, mas era um bastio de mato muito forte, não puderam romper, e, deixando os dois mortos, abalaram a correr pelo valle.

O pae chamou-me e fomos juntos sempre pelo fio da altura, a ver o caminho que tomavam. Acho que se arrecessaram de ir pelo valle, que era cada vez mais estreito, e metteram a uns matos ralos, de umas queimadas que se tinham feito n'esse anno, direito á porta-baixa do Soveral.

Quando os topámos foi já no barranco do Algeriz, mesmo ali ó aquede do Molinho-velho. Estavamos metidos nos medronhaes altos, e elles vieram sair no claro do areal do barranco — onde tu matistell-a porta grande a semana passada (disse elle para o Joaquim do Val-fundo).

Era quasi á queima roupa; caíram dois. Os homens eram valentes. Os quatro que restavam ficaram direitos, encostados uns aos outros. Atiraram para o mato, na direcção do sitio em que tinham visto o fumo, e uma bala cortou um ramo mesmo por cima da minha cabeça. Nós separámos-nos e mesmo de rastos por baixo do mato, fomos carregando. Quando atirámos, eu precipitei-me e errei; mas o pae não errou... nem errava. Os tres perderam coragem e fugiram para o mato. Era já escuro, perdemos-os.

Fomos para um cabeço e ficámos ali toda a noite. Eu estava cansado, era uma creança, prali me deitei. Mas o pae nunca dormiu; e quando eu de noite acordava com o frio e com a fome, via-o sentado n'uma pedra, direito, encostado á espingarda.

Logo ao romper da manhã abalámos. Os tres francezes tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra quem não é pratico, já mais de noite, não avança caminho. Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sitio. Ainda assim deram-nos trabalho; atalayámos pelos cerros; rastejámos os valles e as passagens dos barrancos, como se a gente andasse á busca de um javardo ou de um veado, até a cadella — Deus me perdoe — já lhes pegava no rasto. Seria meio dia quando os vimos lá muito em baixo, nos areiaes da ribeira. Tinham ido á agua. D'ali a duas horas estavam mortos todos tres.

Quando voltámos para a malhada, já os grifos andavam no ar ás voltas, ás voltas por cima do valle, onde ficaram os dois primeiros.

Meu pae ao entrar em casa não disse nada; mas agarrou as filhas e teve-as muito tempo abraçadas, e nunca até á hora da sua morte o ouvi fallar no que tinha succedido.

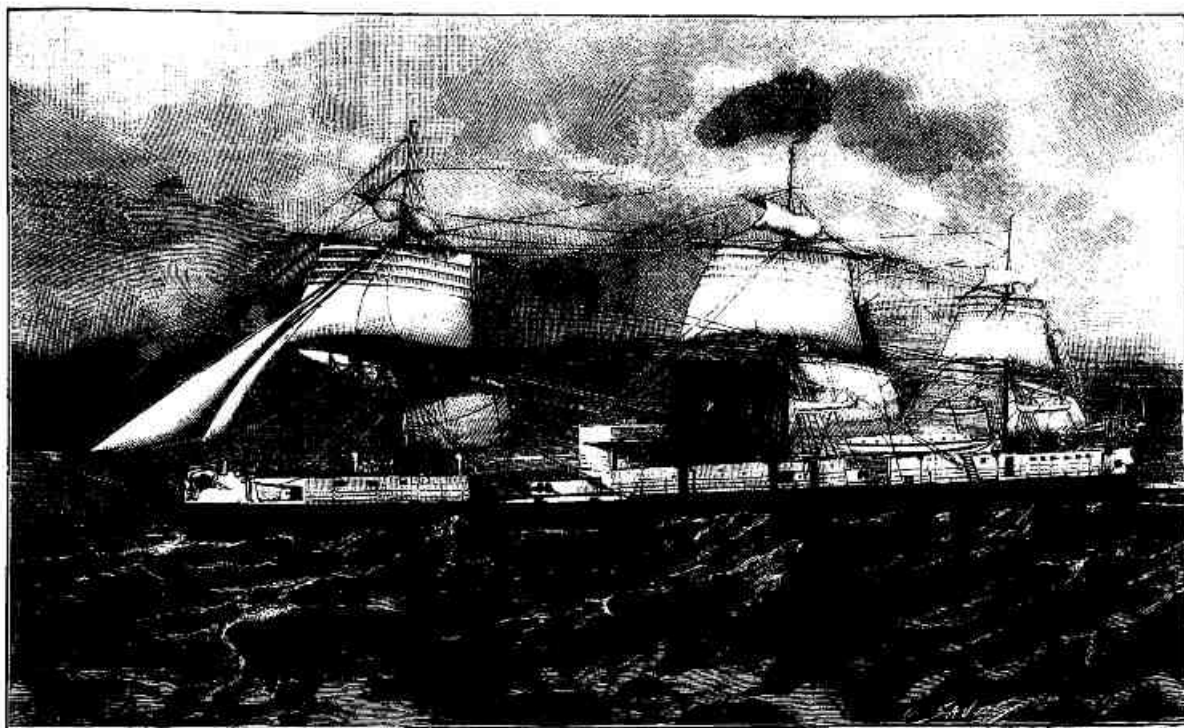
O lume ia-se apagando, sem que — presos á narração — nos lembrássemos de o atizar; e o vasto brazido, onde ainda corriam umas chamas incertas, azuladas, illuminava vagamente a figura austera do velho, que amparava com muito cuidado sobre os joelhos o pequenito adormecido.

FICALHO.

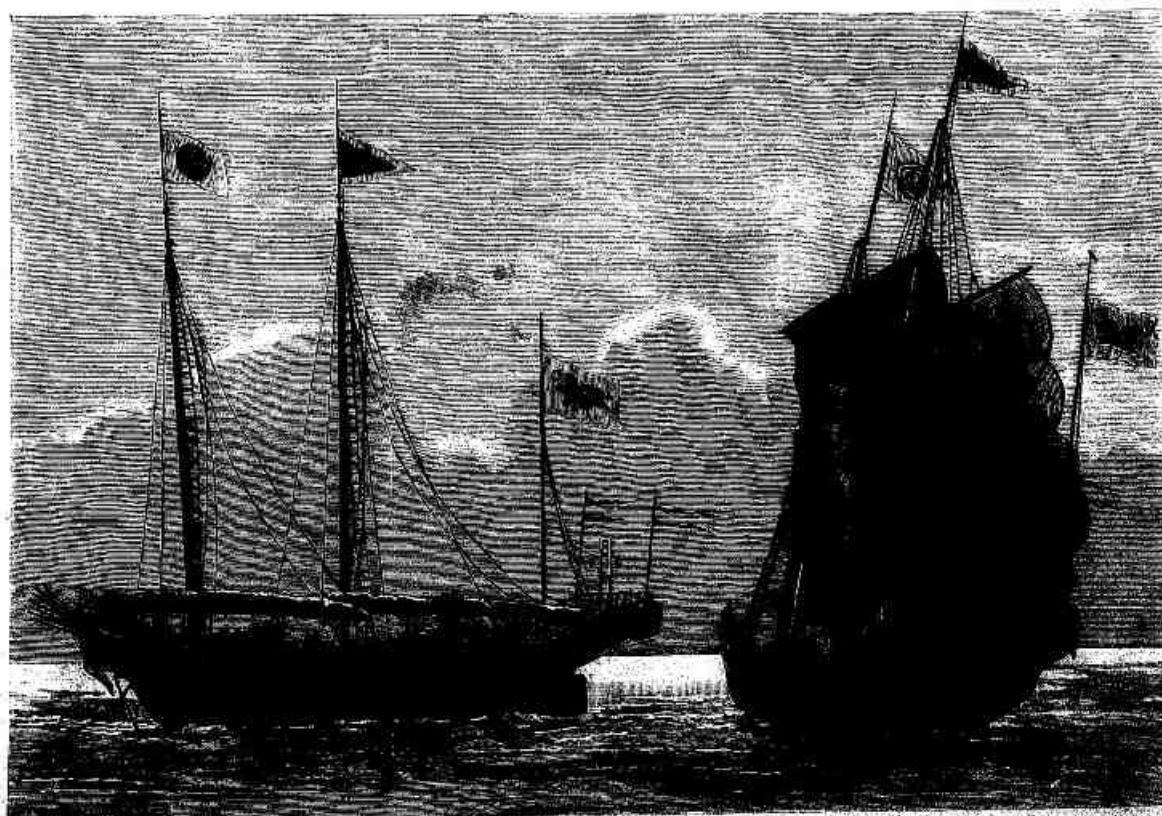


QUAND MÈME

Grupo allegorico de Mascin, inaugurado em Bellori.



O couraçado brasileiro « Riachuelo ».



A CHINA CONTEMPORANEA : Juncos de guerra.

AS NOSSAS GRAVURAS

JUDIC

Na chronica d'este numero do nosso director Mariano Pina, encontrarão os leitores larga noticia e desenvolvimento critica acerca da notavel actriz parisiense que d'aqui a poucos dias estará fazendo as delicias do publico portuguez.

N'este lugar temos apenas que lembrar aos nossos leitores que o soberbo retrato da diva que apparece na primeira pagina da *Illustração* foi feito expressamente para este jornal pelo nosso eminente collaborador Ch. Baude, o collaborador artistico do *Monde illustré* e da *Illustration* de Paris. Em seis dias Ch. Baude executou tão esplendida gravura — para que a *Illustração* fosse o primeiro jornal portuguez a revelar ao seu publico a physionomia tão sympathica da distincta cantora parisiense.

O retrato que hoje damos é tal qual nos apparecia Judic no segundo acto da *Mamzelle Nitouche*, no *Variedades* de Paris.

A CHINA CONTEMPORANEA

O nosso numero de hoje é quasi todo consagrado á China. A guerra que actualmente se empenha entre a França e o Celeste Imperio, impoz-nos a obrigação de tornar conhecidos dos nossos leitores, alguns lados bem curiosos do paiz dos mandarins. Sendo o fim principal da nossa revista tratar da actualidade de todo o mundo, e sendo exactamente para esse fim, para bem informar o publico de Portugal e do Brazil que a fundamos em Paris — não hesitamos um momento, e tratámos de obter em Paris e em Londres curiosos desenhos sobre a China.

A gravura da pagina 148 representa uma rua de Pekim — duas chinezas que passeiam, uma d'ellas é uma senhora da aristocracia, a outra a sua aia, levando o menino ás costas, segundo é uso na China — assim como na Africa as negras trazem os filhos.

Curiosissima gravura é a da pagina 149, representando os padres jesuitas em costume chinês celebrando a missa em Shanghai.

Foi nos ultimos tempos da dynastia dos Ming, sob o reinado do imperador Chin-Tsuang (1581) que penetraram na China os primeiros missionarios jesuitas.

Comprehenderam immediatamente o forte e o fraco do espirito chinês. E trataram de se fazer tambem chinezes, adoptando costumes, usos, fatos de mandarins, estudaram os livros de Confucius, e trataram de encaixar as tradições chinezas na doutrina que elles iam pregar, do que elles tiraram tão bons resultados, chegando as suas doutrinas a ser hoje a quarta religião da China.

Mas os jesuitas não são amados no Celeste Imperio, isto devido não só ás guerras que tem soffrido dos mussulmanos, como tambem dos proprios padres dominicanos, e para dominar no espirito dos indigenas conservaram o antigo costume de se vestirem á chineza, de trajarem rabicho, e de dizerem a missa com o mesmo barrete de cerimoniaes de que se servia Confucius. E está a scena que a nossa gravura representa. Europeus e padres... de rabicho e saias de mandarim — a dizerem missa. A quanto arrasto a fé!...

A gravura da pagina 153 representa uma junca de guerra, restos das antigas esquadras chinezas, d'estas juncas que ao lado d'algumas canhoneiras que a China mandara construir na Europa, queriam resistir á poderosa esquadra franceza sob o commando do almirante Courbet. Foram dezenas d'estes juncos que no rio Min ou Ming no famoso combate de Fou-Tchéou, em fins d'agosto ultimo, a esquadra

franceza destruiu e arrazou completamente, vendo-se os cascos em fogo, descendo o rio, juntamente com centenas de chinezes, mortos e feridos, que foram boiando sobre as aguas até ao mar. Estes juncos possuíam pessimos canhões e uma equipagem toda indisciplinada, cheia de superstições, commandada por officiaes conhecendo mal o uso da bussola, apesar de ter sido inventada pelos seus antepassados — segundo se diz.

Depois que os chinezes se resolveram a construir alguns vasos de guerra na Europa, a sua esquadra antes do combate de Fou-Tchéou constava do seguinte:

1º Dois cruzeiros e dez canhoneiras compradas em Inglaterra.

2º Dois cruzeiros, treze canhoneiras-avisos, duas canhoneiras e treze transportes-avisos, treze avisos compoem a flotilha de Fou-Tchéou, saídos do arsenal que foi destruido pelo almirante Courbet e que um francez, M. Giquel, tinha construido n'esta cidade.

3º Treze canhoneiras ou chalupas a vapor ás ordens do vice-rei de Cantão.

4º Seis fragatas e canhoneiras construidas em Shanghai e que foram tambem transformadas em navios de transporte.

5º Seis barcos torpedos.

6º Trez cruzeiros d'alfandega.

Na escola de navegação do arsenal de Fou-Tchéou os cursos eram em inglez, e pode-se avaliar em sessenta o numero d'alunos que receberam uma instrucção theorica e pratica completa; e doze d'estes alumnos andaram praticando durante dois annos a bordo de couraçados inglezes.

A prova da insufficiencia d'estes officiaes apesar dos estudos que fizeram, é o desastre de Fou-Tchéou, ficando destruida toda a flotilha que quiz responder ao ataque dos navios sob o commando de Courbet.

A nossa gravura da pagina 156 representa um exame de soldados tartaros, fazendo exercicios ao arco. Escusado será entrar em maiores e mais amplas explicações acerca d'esta primitiva educação militar ainda hoje em vigor no Celeste Imperio. Os chinezes continuam ainda a servir-se mal da espingarda, e como grande recurso para as suas batalhas os seus soldados tartaros só sabem fazer uso do arco, no que elles são contudo eminentes. E é com a flecha que elles pensam combater os europeus que chegam ao Celeste Imperio com a força das suas espingardas e dos seus canhões!

Estes exames, em face da sciencia militar dos europeus, são na verdade bem ridiculos e bem comicos. E custa a fêr como os diplomatas chinezes que residem na Europa não evitaram a guerra entre a França e a China — pois que elles conhecem melhor do que nós a impossibilidade do seu paiz para se aventurar em combates onde forçosamente tem de ser batido.

Chegamos finalmente á ultima pagina da nossa primeira viagem pela China — á pagina 157.

A primeira gravura representa o tumulto d'um general tartaro. Num campo, a Este de Cantão encontra-se uma estrada bordada por dois renques d'animaes esculpidos em dimensões colossaes. Ao fundo descobre-se um pavilhão de pedra dentro do qual se eleva, sustentado em cima d'uma tartaruga de pedra, uma grande placa de marmore coberta d'inscripções. É o tumulto d'um general, de Paang-Tchi-Fu, que se apodetou de Cantão em 1630.

Foi dois annos depois da morte d'este Paang-Tchi-Fu que o imperador Shum-Tchi mandou construir o monumento de que a *Illustração* offerece um rapido desenho.

As inscripções são muito importantes e muito curiosas. Discurso do imperador fazendo o elogio do seu general, e chegando n'um excesso de exaltação rhetorica a mandar escrever o seguinte: *Vós, Paang-Tchi-Fu, fostes os braços e as pernas do Imperador, teu amo.*

Quando este general morreu fizeram-se-lhe soberbas funeraes. Mas o imperador comprehendeu que isto não era bastante e oito dias depois recommençou as mesmas funeraes e o mesmo discurso:

Vós, Paang-Tchi-Fu, fostes os braços e as pernas do Imperador, teu amo!

Santa gente!...

É este general que os leitores viram na mesma pagina 157: Sua Excellencia Tchong-Tching, governador de Cantão e que pelo facto de ter 40.000 homens ás suas ordens tem tambem direito a chamar-se *Tching-Tsiang*, titulo este que, segundo nos dizem, muito o penhora. O nosso desenho representa-o no jardim do seu *yamen*, rodeado de mandarins militares ás suas ordens, d'alguns officiaes e servos.

Este personagem que umas vezes se chama Tchong-Tching, outras Tching-Tsiang que se destina a resistir ferozmente ás tropas francezas. Que seja muito feliz!...

UM DESENHO DE RAMALHO

Az hoje a sua carreira na *Illustração* desenhando uma *en-tête* para o primoroso conto do nosso illustre collaborador sr. Conde de Ficalho, o distincto pintor portuguez Antonio Ramalho que actualmente estuda em Paris e que no *Salon* de 83 expoz um magnifico quadro de genero *Chez mon voisin*, que mereceu largos elogios de toda a critica franceza. Ramalho vai ser um nosso collaborador assiduo, e em numeros seguintes aos leitores da *Illustração* poderão apreciar largamente o talento d'este artista que ha-de vir a occupar um lugar brilhante na moderna pintura portugueza.

É sempre com verdadeiro orgulho que a *Illustração* annuncia a collaboração de mais um artista portuguez ou brasileiro, não só para os tornar bem conhecidos do publico dos seus dois paizes — mas tambem para os tornar conhecidos de todos os jornaes europeus do mesmo genero com os quaes a *Illustração* se acha intimamente ligada. Os desenhos dos nossos collaboradores são sempre reproduzidos pelos ultimos processos chimicos ainda hoje ignorados em Portugal e Brazil — e que são se executam com toda a perfeição artistica em suas officinas de Paris e n'uma officina de Leipzig, ás quaes nós confiamos todos os desenhos com que os nossos artistas nos honram.

O ENCOURAÇO RIOACHUELO

Rioachuelo é um riacho que desagua no Paraná, a pouca distancia de Corrientes, na Republica Argentina. Nesse sitio foi que se deu o memoravel combate naval de 11 de Junho de 1865, em que a armada brasileira, sob as ordens de Barrozo, eniquilou as forças maritimas do Paraguay.

É esse o nome que se escolhe agora para o encouraçado brasileiro, que representamos hoje em nossas paginas.

Esse poderoso e homem de guerra, *man of war*, como dizem os inglezes, sabe dos estaleiros dos srs. Sarmuda Irmãos, de Londres, que o desenharam e construíram. O navio mede 305 pés de comprimento, 32 pés de maior arquéação na linha de flutuação e 30 pés de pontal maximo, com escale de um pouco mais de 19 pés, 6.000 toneladas de deslocamento e força de 6.000 cavallos. A sua rapidez normal é de 15 nós por hora, podendo atingir e 16 3/4 nós com tiragem forçada.

O Rioachuelo é protegido por uma coraça de 10 a 11 pollegadas de espessura facenda de aço de Siemens-Martin. Uma coberta horizontal de aço corre por todo o navio. Dentro de dois parapetos ovais, formados de chapas e angulos, erguem-se duas torres giratorias, protegidas por armaduras de aço.

O armamento consiste: 1º em quatro peças de

carregar pela culatra, que se carregam por meio de uma machina hydraulica e movem-se com as torres em que se acham installadas; 2º em seis peças de carregar pela bocca, assustadas no convez; 3º em quinze metralhadoras Nordenfeldt, cinco das quaes servem nos mastreiros e dez estão collocadas sobre pedestaes a fim de afastarem as barcas-torpedos; 4º em peças torpedos de White-head, dispostas para fazer fogo de cinco pontos.

Na opinião do *Times* é presentemente o *Riachuelo* o mais poderoso navio de guerra conhecido. Tem a helices; é illuminado com lampadas electricas de Swan e pôde percorrer uma distancia de 4.500 milhas sem tornar a metter carvão. O leme é governado por vapor, mas pôde ser dirigido á mão.

O commandante Van Den Kolck deve conduzir o *Riachuelo* ao Brazil no mez de outubro.

A nossa gravura é copia d'uma photographia que a *Illustração* recebeu de Londres, gravura que foi executada com o maior escripto e perfeição artistica pelo nosso collaborador Ch. Baude.



O ALMIRANTE COURBET

Commandante da esquadra franceza nos mares da China.

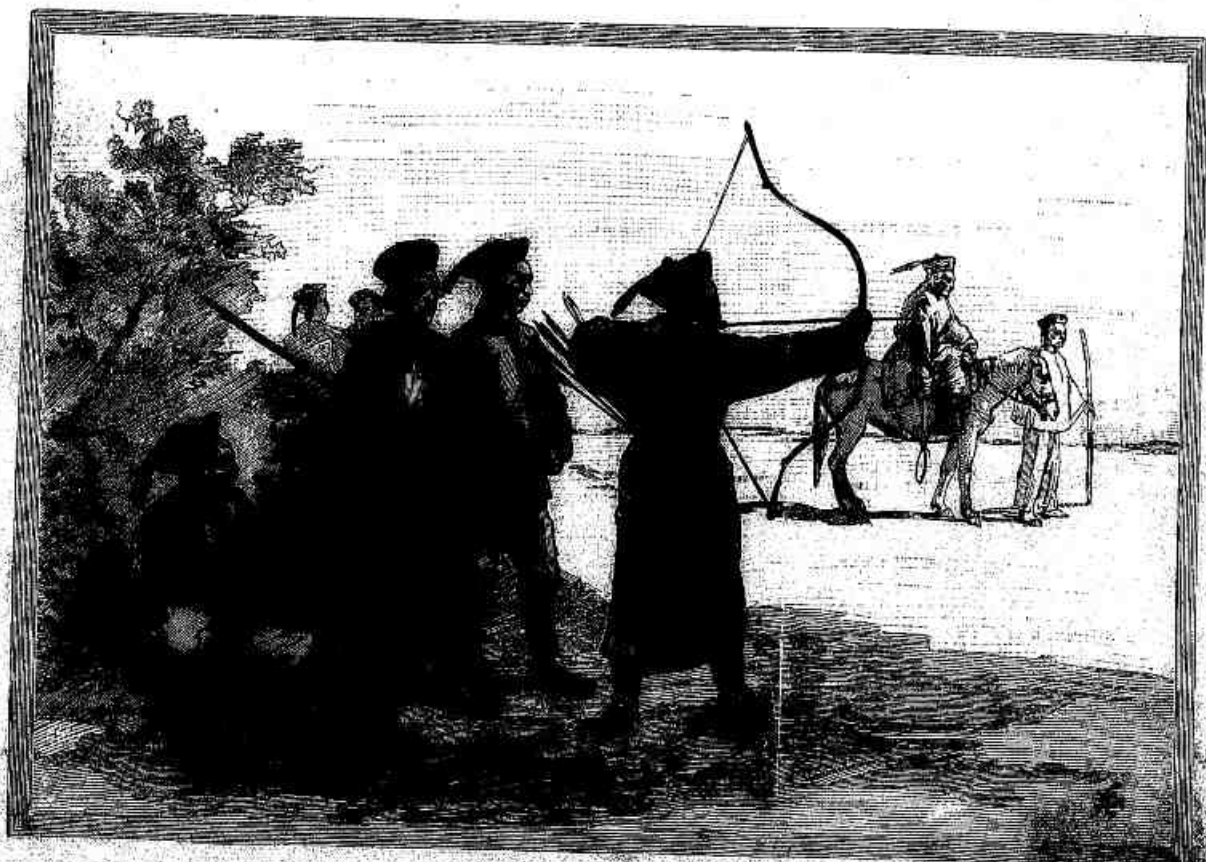
QUAND MÊME!

O magnifico grupo de Mercié, o celebre escultor francez, que a *Illustração* offerece hoje aos seus leitores é uma das obras-primas da arte moderna e uma das obras d'arte contemporaneas onde mais se revela o sentimento do amor da patria.

Este grupo representa a verdadeira França, no momento em que se empenhava a guerra entre ella e a Alemanha.

O soldado francez cahira morto por uma bala do inimigo. Mas para que não fique um lugar vago nas fileiras, a alsaciã arranca a espingarda das mãos do moribundo — e vai bater-se pela patria! Todos os povos tem tido d'estes momentos de suprema agonia e d'estes rasgos de heroicidade. Todos quantos amam e respeitam a sua patria hão de comprehender quanta elevação d'alma, quanto entusiasmo e quanto sentimento irradiam d'esta soberba escultura, devida a um dos artistas de mais nomeada que a França hoje possui.

O grupo *Quand même!* que já figurára ha annos no Salon de Paris onde obteve a grande medalha d'honra, foi inaugurado no dia 31 d'agosto em Belfort, não só



A CHINA CONTEMPORANEA Um exame de soldados.



O tumulto d'um general chinês.



A CHINA CONTEMPORANEA : Um general chinês e o seu estado maior.

para comemorar os grandes heroísmos de 1870, como também em comemoração de Thiers e do coronel Denfert.

O ALMIRANTE COURBET

O ALMIRANTE Courbet é o grande herói da batalha naval de Fou-Tchéou, do combate no rio Min com a esquadra chinesa, do ataque aos fortes que dominam a embocadura do rio.

Hoje em França todos o applaudem, todos o admiram, e estamos certos que quando elle voltar ao seu paiz ha-de ser calorosamente festejado por toda a nação pelo modo heroico como elle tem sabido vingar a dignidade do pavilhão tricolor.

O almirante Courbet nasceu em 26 de junho de 1827, e entrou no serviço em 1847. Era aspirante em 1849, tenente de marinha em 1856, capitão de fragata em 1866, contra almirante em 1880. Foi governador da Nova Caledonia e commandante em chefe da divisão naval n'esta região.

Mas o seu nome só começou a ser celebre desde o instante que o governo francez lhe confiou o commando da expedição dos mares da China onde elle tem feito verdadeiros prodígios.

NA AUSENCIA DO MESTRE

Espirituoso bronze que publicamos na pagina 160 é trabalho d'um artista italiano de grande valor Lorenzetti, trabalho que occupou um lugar brilhante pela graça com que é tratado e executado, na exposição nacional de bellas-artes que se realizou em 1883 em Roma.

A *Illustração* vai começar brevemente uma serie de reproduções dos melhores quadros e esculturas dos modernos artistas d'Italia — verdadeira novidade para o nosso publico.

BIBLIOGRAPHIA

LES MATINÉES ESPAGNOLES. NOUVELLE REVUE INTERNATIONALE EUROPEENNE, par M. le baron Stock. — Madrid, 1884.

Creio não ser indiscreto dizendo aos meus leitores que o baron Stock é o pseudonymo de M^{me} Ratazzi, auctora d'este famoso livro *Portugal à vol d'oiseau*, onde se criticavam d'um modo pouco justo, pouco sensato, e portanto pouco verdadeiro — certos homages e certas cousas do Portugal contemporaneo. Não sou eu o primeiro que levanto esta mascara. Quando se falla em *Matinées espagnoles*, ou seja em *Revue*, em França, em Italia, ou em Portugal, nunca se diz: Baron Stock. Diz-se sempre: Princesa Ratazzi. É portanto da revista da Princesa Ratazzi que eu me vou occupar e dizer francamente o que penso d'esta publicação.

Quanto a mim, esta revista parece querer fazer concorrência, ou pelo menos seguir as passadas da *Nouvelle Revue* de M^{me} Adam que se publica em Paris. Mostra preocupação politica e mesma preocupação litteraria. Politica e litteraria de salto, entre uma valsa e uma chavana de chá. Politica e litteraria por dilettantismo e por desluzido.

Como preponderancia politica em Espanha ou em França, penso que tanto valia uma como outra. Nada valém!... Como preponderancia litteraria — pois que também são escriptas em francez — prefiro a de M^{me} Adam.

Eu bem sei que M^{me} Ratazzi me pode mandar ler attentamente a capa da sua revista onde ha alguns nomes notaveis da litteratura europeia. Mas nenhum d'esses escriptores se me affigera como collaborador assíduo, mais sim como adherente — no que ha uma enorme differença. Ou não? Remquanto que a *Nouvelle Revue* veio tomar a dianteira à *Revue des Deux Mondes* pela sua feição mais moderna, apresentando trabalhos de romancistas eminentes como Daudet, e revelando á litteratura franceza, entre outros, um nome que hoje é já respectavel tanto na critica, como no romance — o nome de Paul Bourget.

M^{me} Ratazzi é a mais assidua collaboradora do seu jornal. Em cada pagina se encontra o seu nome,

escondido atraz de uma ou duas iniciais ou d'um pseudonymo, firmando um original ou firmando uma traducção. E em assumpto de traducções temos assistido nas *Matinées espagnoles* — á do romance *Primo Baillío* d'Eça de Queiroz.

M^{me} Ratazzi que conhece muito pouco o portuguez, aventurou-se n'uma empresa bem delicada. É a primeira vez que o *Primo Baillío* apparece traduzido para o francez. Ora a litteratura franceza ha-de fazer uma ideia muito falsa d'esta obra tão original e tão poderosa, pois que a traducção ainda nos não deu uma ideia d'esta phrase tão pittoresca e tão torturada, d'este dialogo tão curto, tão rápido, tão vivo, que é o grande caracter dos romances do illustre collaborador da *Illustração*. É um *Primo Baillío* perfeitamente differente do original.

— E quem é que estaria nos cazos de o traduzir? — perguntar-me-ha M^{me} Ratazzi.

— Unicamente o proprio auctor, que escreve com tanta facilidade, elegancia e modernismo o francez, como o escrevia Tourguenoff, o illustre romancista russo, o compenheiro de Flaubert, fallido o anno passado em Paris. E se Eça de Queiroz o não tem feito, é porque t'ho não tem permitido os seus romãneos em preparação e a sua saúde cada vez mais abalada.

O que eu encontro de mais curioso no fasciculo que tenho á vista (N^o 1 — 2^a semestre) é a primeira d'uma serie de cartas que a princeza está escrevendo sob o titulo de *Portugal à vol d'oiseau*.

Ainda!...

É a segunda parte dos seus estudos; as observações colhidas na sua ultima viagem a Lisboa — ou o arrependimento publico do primeiro volume.

N'esta carta a escriptora passa quasi todo o tempo a fallar de si, do seu passado, do seu presente, da sua posição official — o que me dá a ideia de certas damas que pelos salões andam sempre mirando-se nos espelhos, como que desconfiadas que a formosura lhes minta, ou que as *toilettes* não produzam o effeito calculado...

... Depois, entrando em Lisboa, começa a criticar de todos os lados. E os primeiros que lhe merecem as suas picadas d'alfinete são os pobres guardas d'alfandega que revistaram na *garre* as malas de madame. Que a observação viesse d'um parisiense, não tinha de que me queixar. Mas da princeza que habita a Hespanha, a terra tradicional dos *carabineros* incivilis que na fronteira portugueza e franceza chegam a ser insolentes, provocando até conflictos diplomaticos, como o succedido ha pouco com o embaixador francez, baron de Michels, em resultado das grosserias de que foi alvo ao entrar em Irun — é para fazer sorrir! Critica feminina. É como nas salas. Sacrifica-se muitas vezes a melhor amiga ao prazer de fazer uma phrase. Conhecemos o genero. Á hora do chocolate, quando já se não dança e se fazem as contas da *mirée*!...

Depois sãda, Portugal, e exclama:

— *Juge si je t'aime, moi qui t'aime assez pour t'aimer comme si je t'aimais pour la première fois!*

Que me perdõe M^{me} Ratazzi, mas ao ler esta sua phrase até me pareceu estar ouvindo o Pierrot de Molière:

— *Je dis toujours la même chose, parce que c'est toujours la même chose; si ce n'était pas toujours la même chose, je ne dirais pas toujours la même chose!*

Pierrot muito mais original, não é verdade!...

Quando escreve portuguez, é o mesmo systema do primeiro livro. Rua do Thezouro Velho. E de tal modo falla do hotel Bragança, onde se alojou, que até parece que é Sua Magestade o sr. D. Luiz quem tem a seu cargo a gerencia do estabelecimento...

A Praga do Commercio, considera-a a aristocracia por excellência. Aristocracia, porque? Pela Alfandega? pela Bolsa? pelas diversas repartições do Estado? E diz que « é cercada de ruas habitadas por peccadores, taberneiros, vendedores de fruta, um peço que n'undo laborioso e pobre ». Francamente, madame Ratazzi continua a mangar como coço!... E diz que n'esta população que rodeia a Praga do Commercio e que se encontra o typocurioso das « *várinas* ou vendedoras de peixe ».

E perguntando a algum que a acompanhava na sua viagem através de Lisboa por que razão a capital não tinha um passeio de carruagem como todas as capitães da Europa, possuem, esse algum ponderou-lhe esta sabida reflexão:

— A falta d'um passeio provém de que, salvo algumas raras familias, ninguém possui carruagem sua, por causa da excessiva inclinação das ruas, que dá cabo dos vehiculos e dos cavallos mesmo os mais solidos.

Alguem asseverou-me — mas eu não quero crer — que a phrase é da sr. D. Guilmar Torrezão. A sr. D. Guilmar nas *Matinées* trata simplesmente do *Courrier de Lisbonne* — e lá descobri um « *font de Lisbonne pichuti* » o que me levou a mandar os meus pezaes á cidade do Tejo por ter importado com tanto afan esta samsaboria parisiense do *pichuti* — por aqui

já tão desacreditada. E fazendo allusão ao restabelecimento do divorcio, a sr. D. Guilmar explica o facto dizendo que — a França o abraça, recordando-se sem a duvida da definição de Beaumarchais: O casamento é « *uma ridícula das instituições* ».

Ora quando uma senhora só encontra em Beaumarchais, pae de meu amo o conde d'Almaviva, d'estas phrases para dar de presente ás familias das suas relações — que havemos nós de dizer dos D. Juans sacrilégos que andam por esse mundo a envenenar as instituições mais santas?...

Que são elles os apóstolos da moral!

REVISTA ILUSTRADA DA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA EM 1884.

Recebemos o n^o 1, 2 e 3 d'esta revista onde encontro curiosos artigos de Joaquim de Vasconcellos, um dos homens a quem as artes industriaes tanto devem em Portugal e que justamente por que estuda, por que trabalha, é de quando em quando alvo de graças de noticiarios; do sr. A. Gonçalves sobre ceramica; do sr. Seabra d'Albuquerque sobre as fabricas de papel; e do sr. Corte Real sobre as duas exposições de Coimbra (1869 e 1884).

Tambem apparecem na *Revista illustrada* alguns desenhos reproduzidos pela gravura chimica, destacando-se por uma grande elegancia e tom perfeitamente moderno o *vasilhame a dois barros*, ensaio do sr. A. Gonçalves, que se me affigura um artista de primeira ordem, tanto quanto posso julgar pelos *croquis*; e uma reprodução d'um delicioso desenho a carvão do sr. Luiz Bastos — *Em Leça da Palmeira*.

Pena é que em Portugal ainda nenhum artista se decidisse a vir a França e a Allemanha, por conta de qualquer empresa typographica, estudar seriamente os ultimos processos da gravura chimica, totalmente ignorados em Portugal onde a zinecographia está perfeitamente no periodo selvagem.

Os leitores da *Illustração* já devem ter feito uma ideia dos resultados que se obtém por meio da applicação photographica, pois que a *Illustração* se encarrega de levar a Portugal e ao Brazil tudo quanto ha de novo na industria dos jornaes illustrados. O desenho é conservado com a maior fidelidade, traços e tons. No dia em que algum trabalho excellentemente n'esto genero, abrir-se-hão novas fontes de riqueza na industria typographica. Francamente causa pena ver que a *Revista illustrada* só poudo obter aquellas reproduções, quando em Paris todas as typographias possuem uma secção zinecographica onde se reproduzem todos os trabalhos de desenhadores na maior perfeição artistica.

Possam estas linhas ser lidas pelo illustre ministro das obras publicas Antonio Augusto d'Aguar, o chimico eminente, e estou certo que elle não deixará de mandar um artista portuguez praticar durante um ou dois annos nas officinas de Gillot ou de Meisenbach.

FIGARO.

THEATROS

ESTÁ quasi a travar-se a campanha theatral.

O *Gymnase* começou já as hostilidades em Agosto com o seu invencivel *Maitre de Forges*. A algum outro secundou-o, apresentando os mais successos da epocha passada. Do dia 20 a 30 seguiu-se-lhe a maior parte dos outros theatros e no principio de Outubro não haverá um só palco parisiense que não tenha sido, tragicamente, atravessado pelo tyranno e regado com as tristes lagrimas da ingenuidade; uma unica falla de espectáculo que não se tenha entusiasmado com a mais alta nota da primeira estrellia ou com a mais baixa faccisa do primeiro comico. As novidades ainda não chegaram.

Os criticos estão porém a ponto, vão se enfileirando já, refrescados pelas ondas azuis dos bosques ou borrifados pelo salgado vento dos mares e, esquecidos da ultima lucta, puros das iminuições que porventura lhes tivessem tolhido o bom caminho, eis-os promptos a julgar com serenidade, a criticar com sciencia e a julgar serenamente tudo o que se lhes for desenrolando á vista desde o mais pesado dramalhão até a mais sublime opera dramatica.

De então para lá os nossos leitores poderão crer que não lhes faltará a mais piquena informação theatral, o menor ruido de bastidores.

Até então, porém, o assumpto encasaca-nos e a chronica pede-n'o incessantemente.

E mais exigente que todas as chronicas, esta, só tem um manjar, só conhece um accipice: o theatro.

E forçoso é dar-l'ho semo morre... de fome.

Um assumpto...

Hum!... Hum!... os nossos leitores!

É delicado, bem sei e muito perigoso, mas se por um quanto só vou dar apontamentos, curiosos a quem se interesse por elles e que o vento levará a quem não os necessitar.

Mais tarde veremos...

Poucos theatros, não da França, do mundo!!! reúnem actualmente uma porção de artistas tão talentosos, de tão bom merecimento, de tão boa vontade como os que hoje representam em D. Maria II.

Se alguém julgar isto um exagero brutal, bastar-lhe-á pensar que os actores que ali se encontram, subiram até aquelle theatro pela sua vocação decidida, pelo seu esforço de vontade e pelo seu estudo intimo, sem esculha, sem incitamento de especie alguma e sem o menor elemento para deverem chegar até elle e convencerem-lhe, esse *alguem*, que é uma simples verdade e que, no principio lhe parecia um cumulo de fisionia.

Fôr de D. Maria II eu só vejo, ao presente, cinco ou seis artistas que se tinham declarado dignos de já lhe pertencer a que breve, muito breve, estou certo, farão parte da sua companhia. Isto dito, forcoso é nominalmente e eu não hesito em escrever os nomes de Polia, Lucinda Simões, talvez o de um do Porto e os de dois ou tres que estão no Brasil.

Não esqueçamos entretanto os talentos de Jesuina para um *Palais-Royal*, de Leonni superior a Maugé e Montrouge, os mais afamados comicos francezes de operetta e os de Queiroz e Augusto na comedia-baudouville.

Tambora, esse nome que me acenou de todos os lados, com recio d'um esquecimento imperdoavel que seria um crime mortal, Tambora é uma concepção unica e por isso inusitada, inconfundivel. O theatro normal pertence-lhe por direito, mas não por genero.

Tracemos de demonstrar isto tudo a quem me depara com olhos de meio metro de diametro.

Olhemos primeiro para a idade de todos os artistas do nosso primeiro theatro, comparemola com a dos melhores do *Comedie* e conheceremos com jubilo quanto a dos nossos nos promette e nos pode dar ainda!

Os *jeunes premiers* do theatro modelo da França são quasi inalteravelmente feitos por actores que tem passado o meio seculo e os outros papeis são quasi todos interpretados por *jeunes* da mesma idade. É verdade que em França um actor de quarenta annos é um *jeune acteur* e um *jeune acteur* não terá menos de trinta!

A companhia de D. Maria II, em Paris, seria considerada uma companhia infantil e a mais velha da sua troupe (o sr. Macedo, ao que parece) seria o unico a quem mercedamente caberia o epitheto de *jeune*.

Ainda um dia d'estes um jornal francez notava com espirito que os gals fossem, ao *Comedie*, interpretados por *jeunes* de sessenta annos emquanto que os *jeunes* irêes eram desempenhados por actores de vinte!

Esta observação, que não interalo impensadamente, servirá a muitos de base para protestarem contra a influencia do Conservatorio no merecimento do candidato, se eu não fosse declarando previamente que esse caso extraordinario não é devido ao pouco merito dos alumnos do Conservatorio que só entram no *Comedie* trazendo primeiros premios, ou reputações feitas em outros theatros, mas sim a questões internas que nada nos interessam e que — de resto — não são difficil de comprehender.

Ainda assim envio, quem as queira aprofundar, para Sarcey e Foutquier.

Como eu dizia, porém, em Portugal não ha melhores actores e no estrangeiro ha apenas tão bons.

É uma gloria!

O cuidado e a perfeição com que se está hoje representando em D. Maria II e a paridade feita entre o desempenho de muitas peças exhibidas ali e em alguns theatros francezes permitem-me que avance o que digo, embora em opposição ao parecer de quem não pode admitir em Portugal cousa alguma superior ao que ha no estrangeiro.

O exemplo dado por estes actores não se repetirá, talvez o theatro ficará sem interpretes, desde o momento que, acabadas as voções decididas (porque as temos), não possuamos uma esculha que nos dê, nem prometamos interesses que nos os tragam! Conservemos com estima os actuaes mas tratemos de preparar os que lhe hão-de succeder.

Sobre o incitamento que os nossos actores encontram, a frieza e a imparcialidade das criticas me corrobora dispensando os commentarios.

Um actor d'um theatro normal é um empregado do Estado: um empregado publico e, como tal, tendo adquiridos direitos, deverá ter um presente condigno e um futuro garantido sem que lhe seja necessario valerse de outros modos de ganhar dinheiro que não os da sua vida artistica.

Um actor do *Comedie* em ordenados, gratificações e extraordinarios (chamo extraordinarios o rendimento que lhe provem do desempenho subido no logar d'um interprete que adoece e da boa propina recubida nas recitas não ordinarias) pode calcular a sua receita por mez entre 1.500 e 2.000 francos (Rs. 270.000 e 360.000) tendo alem d'isto os interesses que possa fazer, como professor do conservatorio ou particular.

Em 1883, no anno passado, a parte de cada societario do *Comedie* foi de 30.000 fr. e como curiosidade direi ainda que em 1878 essa parte subiu a 42.000 francos ou Rs 7.560.000.

O anno de 1878 é certo que foi o da Exposição Universal e o da repulsa da *Ernani* que produziu recitas exageradas, mas como compensação nos outros annos em que esse rendimento diminui um pouco, devemos notar que o repertorio do *Comedie* exige, quasi todo, guarda roupa, e não o fato do proprio actor que entre nós lhe consome tres quartos do seu ordenado. Depois em França, começa a pôr-se em pratica o uso de ser todo o fato de scena, mesmo o da *epoca*, pago pelas empresas, o que é um grande aperfeiçoamento não só pelo maior esplendor, precisão e caracter que dá aos personagens mas pela economia que faz ao actor. Este systema trouxe a epocha passada melhoramentos muito importantes e de mais bem succedido resultado.

Um actor francez não se vê pois necessitado de fazer todos os annos, como entre nós, uma especie de peditorio, a que já me referi n'outro artigo, em troco do qual offerece uma peça nova ou velha e a que para mais ainda o ameaçam, se tentarem em Portugal de lhe dar o nome de — beneficio!

Esse costume tem forçosamente de acabar no nosso paiz. É ridiculo e não é decente.

Se o tempo não o matar tão cedo, o bom senso e os bons exemplos nos livrarão, ao menos, da inadmissivel usança a que elle dá causa permitindo-se a cada artista a escolha da peça que por essa occasião deve subir á scena, usança de que os Portuguezes poderiam tirar o privilegio de invenção se elle lhes desse proveito ou se lhes trouxesse o gozo de a ver seguida pelos povos que a não conhecem, felizmente para elles.

E que isso seja tambem mais um ponto de vista dos nossos dramaturgos e que aniquilados pelo Governo, pelos empresarios, pelos directores de scena, não se deixem aniquillar tambem pelos actores!

O empresario d'um theatro vê-se, inclusivamente, na teitissima collisão de não poder montar uma peça estrangeira — visto que tanto gostam d'ellas — de effeito seguro e de successo garantido porque a epocha theatral não é sufficientemente larga para se meter em scena todas as peças escolhidas pelos seus escripturados.

Fallam dos nossos empresarios, com bem pouca justiça. A maior parte das vezes, coitados, não são responsaveis para consigo proprios, das percas que soffrem. É mais uma classe de gente de theatro que não está ainda bem definida em Portugal.

As escripturas exigem peça nova e da escolha do proprio escripturador e essa escolha que só visa a um grande e bom papel individual, não olha ao merecimento da obra, nem a regularidade do desempenho geral nem ás obrigações que o theatro tem para com o publico!

Ainda se lhes desse para bem, para gostarem de originaes, tendo cada artista o direito de escolher uma peça de seu gosto e um actor da sua predilecção quem sabe Talvez fossem elles que preenchassem um dos deveres do theatro do Estado: descobrir auctores!

Mas não lhes dá para tal e portanto acabemos com isso. Façam o seu *beneficio* ate um dia em que esse questio se resolva, mas escolham a peça escolhida pelo empresario, senhor supremo n'esses theatros. A falta de melhor censura.

O que os nossos actores ganham todos o sabem! E sem critica nem dinheiro, onde está o incitamento?

Da esculha que tinha por dever encaminhar todo o artista para a porta do nosso theatro normal, d'essa não fallamos, porque — vergonha aos nossos Governos — affasta-o do caminho, ou intercepta-lhe em meio.

Sem ella e sem elemento algum de educação litteraria ou artistica, somas ainda assim mais ricos em generos do que os proprios francezes.

O *Comedie* com 25 societarios e 32 escripturados só pode entrar um *galá* de maior foliole a Delaunay, com 70 annos (!), só tem um *comico*, Coquelin, que vive curvado sob um enorme repertorio antigo e moderno, tem de reter a todo o momento Jouassain, a sua unica *duenne* que pede com instancia a demissão, com a perda de Sarah e de Croizette ficou sem um unico *premier rôle*, em Favart achou a ultima encarnação das *mães tragicas*, vê-se obrigado a ir pedir aos outros theatros os personagens dos proprios classicos (!), não encontrou ainda um *Avarento* nem um *Triboit*, tuca a falta dos tres *Burgueses*, e deixa apodrecer nos archivados centenas de obras primas não lhas podendo dar interpretes dignos.

E entretanto o *Comedie* é o primeiro theatro da França, do mundo, estão n'elle embocetadas as maiores glorias artisticas e os seus mais infimos escripturados são laureados brillhantes do Conservatorio de Paris.

E nós? No nosso pequeno meio! Sem fallarmos em Tragedia, onde ainda assim alguns talentos se nos tem revelado!

Confirmando-nos mais falta, uma verdadeira falta, enozim, instante, precisa de cuidado ferocissimo: um, *Saint-Valter*, um *D. Roy Gomez*, um Maubant, um *pae sobre*.

Votações: Esforços de vontade!

Respondi-lhes com o *Ernani*, com o *Attila* com o *Keat*, com o projecto do *Ruy Blas* do D. Juan da *Morte civil* e com o projecto de representar em Lisboa o *Hamlet*, o *Rui Xanxus* ou o *Slylock* que ha muito tempo fariam parte dos nossos repertorios sendo nos fahores o mais essencial — a critica dramatica.

Gratias a vontade; é tristemente verdade que não temos a tal insignificante cousa que anda concorre para o aperfeiçoamento da Arte, na boa opinião dos criticos do Servico da Imprensa que não desoçam de entrar no theatro sem passar pelo *gauchet* do camaroteiro.

L. MURILLO.

PASSATEMPO

A *Illustração* recebe com prazer todos os exercicios, casos difficeis, charadas, logogrifhos, enigmas e enigmas illustrados que os seus leitores lhe queiram enviar.

Nº 30

EXERCICIO

Achar o maior numero de palavras terminando em nome de animal.

Nota. — Não entram em concorrência as que já de si o representam ex: Camaleão.

Nº 31

EXERCICIO

Coniar a anedocta mais nova, mais pequena e mais enigmatica.

Nota. — Publicar-se-hão apenas as seis melhores.

CHARADAS

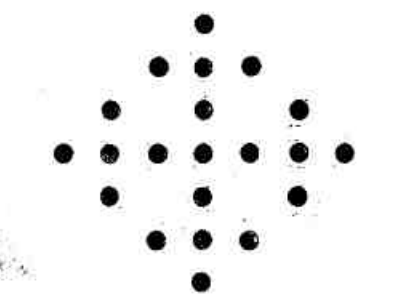
Nº 32. — Nos Pyreneus esse algo tem brilho a noite — 1 — 2.

Nº 33. — Foge alegre e bem depressa, 2 — 2.

Interim.

Nº 34

ENIGMA



Isolar e cercar com um só traço os 21 pontos.

SOLUÇÕES

Temos de retardar por mais um numero as soluções do nosso *Passatempo* dos N.ºs. 5 e 6 a pedido de assinantes; em nosso poder estão já algumas, mesmo do N.º 7 e entre ellas duas muito justas dos Srs. F. A. F. Jor. do Porto e V. d'A. de Elvas.

CORRESPONDENCIA

PORTO. — A. S. = F. A. F. Jor. = Ed. Z. = A. F. M. = Recebemos e fallamos.

ELVAS. — Victorio d'Almada = Idem.

LISBOA. — Silvano = Idem.

PENAFIEL. — M. E. P. = Idem.

VIEIRA. — Passatempo Antissimo = Idem. Queis mostrar mais alguma cousa. As outras vieram ao decerto no N.º 8.

OURIC. — J. L. C. = Queis mostrar mais alguma cousa. As outras vieram ao decerto no N.º 8.

PORTO. — J. L. C. = O que ha de novo? O que ha de novo? As palavras que geraram o premio estão no livro, podes ir ver de logar de logar e registos de ida e volta estão promptos, a esculha para verificação. Para entrar em novo concurso, precisas de um novo. E assim vai e faz para todos e todos sabem a sua parte. As tuas, deslizes não se N.º 11.

LISBOA. — J. L. C. = Não bom, não publico. Pode mandar mais.

